Câmara Municipal de Cascavel

ESTADO DO PARANÁ

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAVEL
Recebido em 22/02/2018
Protocolo

REQUERIMENTO Nº 61 , DE 2018.
(Autor: Vereador Gugu Bueno/PR)

Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Cascavel

O Vereador Gugu Bueno / PR, em conformidade com o art. 122,III do Regimento Interno desta Casa de Leis, requer à Mesa Diretora, depois de cumpridas as formalidades regimentais, seja consignado nos anais desta seção legislativa e deferido em publico, Votos de Louvor e Congratulações ao Dr. Edo José Diehl Peixoto, em virtude de ser um dos pioneiros de Cascavel, e dedicou-se sempre a medicina colocando a vida do próximo como prioridade e por isso merece ter seus esforços reconhecido por esta casa de lei.

É o que requer. Sala de Sessões.
Cascavel, 22 de fevereiro de 2018.

Gugu Bueno
Vereador / PR

Justificativa:

Peixoto, gaúcho de Porto Alegre, nasceu em 22 de fevereiro de 1928, filho do comerciante Silveira Peixoto e Lúcia Dihel Peixoto. Formou-se pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1952, e logo veio clinicar no Paraná. Casado com Emelda Pàgnoncelli Peixoto, tem três filhos: Eduardo, Edo e Evandro.

No ano, 1958. Cascavel era apenas uma cidade recém emancipada, e muito menor que Laranjeiras do Sul - cidade onde residiu entre 1953 e 1958, e que era a capital do Território Federal do Iguaçu (no governo Ge- túlio Vargas). Mas, foi em Cascavel que o médico Edo José Diehl Peixoto, com 30 anos, decidiu investir seu trabalho. Dr. Peixoto foi o terceiro médico a clinicar em Cascavel, depois de Wilson Joffre e Sandino Erasmo de Amorim. Dr. _ Peixoto resolveu, também, construir o seu próprio hospital, no mesmo lugar onde encontra-se edificado até hoje o Nossa Senhora da Salete. O hospital foi construído todo em madeira pelo carpinteiro Isidoro Krum, numa área de 2.500m2 .

Atendendo pacientes de uma vasta região, sobretudo nas áreas de clínica geral, dermatologia, obstetrícia, pediatria, ginecologia e traumatologia, o Hospital

CONFERIDO DIRETORIA LEGISLATIVA

Nossa Senhora da Salete contava inicialmente apenas com os serviços do próprio Dr. Edo Peixoto.

Nos tempos pioneiros, o médico teve que formar sua equipe com pessoas que não tinham qualificação ou instrução, contratando moças com boa vontade e ensinando as a ajudar nos procedimentos, como cirurgias e partos. Aliás, Peixoto não contava com um corpo clínico próprio em seu hospital.

Durante cerca de seis anos, contudo, Peixoto operou solitário na sua casa de saúde, passando em seguida a abrir a clínica para outros médicos.

Os primeiros tempos, obviamente, foram muito difíceis. Basta dizer que a maior parte dos casos era de feridos com arma de fogo e mordidos por cobras. Tudo muito lógico, se considerarmos que a região vivia o auge da luta armada entre jagunços e posseiros. E a cidade chamava-se "Cascavel". A Avenida Brasil era ela mesma, uma serpente: o leito da atual BR- 277 passava no seu centro, as casas se alinhavam às margens da rodovia e nos fundos dos quintais, vizinhando com a mata; era comum encontrar ninhadas de cascavéis e outras serpentes.

Além disso, a maior parte da população vivia na zona rural, nas lidas do campo e na extração da madeira.

"Era tempo de evolução" recorda Edo Peixoto. "Muita gente à procura de terra para a agricultura, gente vinda do Rio Grande do Sul e Santa Catarina buscando oportunidades. Havia muito conflito de terras, muitos entreveras, com focos de posseiros e grileiros, muitos ferimentos com arma de fogo e homicídios". .

Às voltas com tantos problemas de risco de morte, Peixoto sofria com a falta de equipamentos na clínica - aqueles de que dispunha foram adquiridos em São Paulo e Curitiba - e também com a inexistência de laboratórios, serviço de radiologia e banco de sangue. "A medicina que se praticava, antigamente, não tem mais lugar. Era tudo no ouvido, nos sentidos, sozinho. Os exames atuais ajudam no diagnóstico mais preciso", compara Dr. Peixoto. Ele procurava compensar aquilo que podia, como quando adquiriu um pequeno equipamento de raios-X. Os casos mais difíceis, em consequência, eram obrigatoriamente remetidos a Curitiba ou Londrina. Estradas de chão, sem asfalto, dificultavam o transporte dos pacientes, situação que era agravada nos períodos de chuva. Os pacientes em melhores condições financeiras eram transportados por via aérea, pois desde 1953 a cidade já possuía aviação comercial, prestada pela Real Aerovias. Os demais eram carregados em "jipões" com as quatro rodas acorrentadas quando chovia.

Quanto a sua justificativa para o seu afastamento da administração e corpo clínico do Hospital Nossa Senhora da Salete, em 1982, Dr. Peixoto diz: "Cansei. O Hospital é muito complexo e eu tinha que enfrentar muitos problemas. Naquele tempo não tinha essa condição que temos hoje. Tinha que fazer medicina geral: atender criança com diarreia, mulher em trabalho de parto, baleado, insuficiência cardíaca, o que ocasionava um desgaste tremendo. Hoje, cada médico tem seu setor, o que tornou tudo mais fácil", conclui.